

---

## PELAS VEREDAS DA LITERATURA REGIONAL: A JAPA E OUTROS CRONI-CONTOS DE SILVA FREIRE

Epaminondas de Matos Magalhães<sup>1</sup>

Marinei Almeida<sup>2</sup>

**Período de recebimento dos textos:** 15/01/2015 a 01/05/2015.

**Data de aceite:** 29/05/2015.

*De velocidade-espaco  
o menino sozinho  
faísca o tempo crivado  
na confissão da paisagem.  
(FREIRE, outubro de 1970).*

**Resumo:** O presente artigo tem como foco analisar a obra pouco conhecida e estudada *A Japa e outros croni-contos cuiabanos*, de Silva Freire, observando as expressões regionais e os materiais culturais utilizados nesta prosa híbrida, que não se fragiliza por estar localizada em um espaço específico, Mato Grosso.

**Palavras Chave:** A Japa; Silva Freire; Regionalismo; Cultura; Croni-contos.

**Abstract:** This article focuses on analyzing the little-known work and study, the *Japa* and other cuiabanos chronicity-tales, Silva Freire, noting regional expressions and cultural materials used in hybrid prose, which is not fragile for being located in a space specific, Mato Grosso.

**Keywords:** The *Japa*; Silva Freire; Regionalism; Culture; chronicity-tales.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso- *Campus* de Pontes e Lacerda.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – MeEL – UFMT.

Benedito Sant'Anna da Silva Freire é mato-grossense, nasceu em Mimoso em 20 de setembro de 1928 e faleceu em Cuiabá em 11 de agosto de 1991. Advogado criminalista, contista, poeta, professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT foi também membro da Academia Mato Grossense de Letras ocupando a cadeira nº 38.

Ao lado de Wladimir Dias Pino impulsionou e introduziu a estética concretista em Mato Grosso. Escreveu e fundou algumas revistas neste Estado, entre elas “Arauto de juvenília”, “o Saci” e “Vanguarda mato-grossense”, as quais possuíam caráter inovador e cultural e apresentavam desde técnicas de composição do texto - na diagramação, por exemplo – até o trato com a linguagem, mesclando a essas técnicas os elementos da cultura mato-grossense.

Silva Freire possui seis obras publicadas: *Água de visitação* (1981), *Depois da lição de abstração* (1985, seu discurso de posse na Academia Mato-grossense de Letras), *Silva Freire social, criativo, didático* (1986), *Barroco branco* (1989) e *Trilogia Cuiabana* (publicados só dois volumes, em 1991). Em 2008 foi publicado, postumamente, seu livro *A Japa e outros croni-contos cuiabanos*, organizado pela professora Cristina Campos-IFMT.

Escreveu também para alguns jornais como: *Estado de Mato Grosso*, *Tribuna liberal*, *Equipe*, *O Social-democrata*, *Diário da Serra*, *O Momento*, *Correio da Imprensa*, *Jornal do Dia*, *A Gazeta e Defesa*, divulgando nestes seus ideais políticos e culturais.

A publicação de *A Japa e outros croni-contos cuiabanos* é resultado de um projeto de pesquisa que teve início em 2007 e foi coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Cristina Campos-IFMT, que em suas folgas semanais de sala de aula,

se dirigia ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso a fim de reunir os textos em prosa de Silva Freire.

Campos (2009, p. 73) afirma que Freire em seus contos “se larga a descrever cenários e fatos num estilão de fazer gosto, brotado no pé do umbigo da terra chapadona, se pantaneira, mas sempre da muito cuiabana”. Nas palavras de Campos (2009), as obras de Freire apresentam alto teor regionalista justamente por apresentar elementos dessa cultura pantaneira, mas também vai além desses.

Na própria expressão *Japa*, encontramos o viés regionalista, tendo em vista que *Japa* é um termo utilizado na cultura cuiabana, segundo Campos (2009), para designar uma quantidade extra de qualquer mantimento comprado com a qual o vendedor presenteia o freguês.

A obra *A Japa e outros croni-contos cuiabanos* são narrativas que remontam os causos do homem simples, sentado às tardes em suas portas, são histórias de pescaria, de compadres, etc. São narrativas curtas, com um número reduzido de protagonistas. Há croni-contos que apresentam apenas a visão do narrador. As narrativas descrevem fatos que se encenam nos pequenos comércios, nas portas das casas ou em seus interiores. Segundo Santos (2009) encontramos na prosa de Freire frases-conversas, dado o teor coloquial e informal de seus textos.

Dicke (1986), romancista, poeta e contista da literatura mato-grossense, ao discorrer sobre a prosa de Silva Freire, em especial sobre o conto *A Japa*, comenta que:

A gente, nessas pequenas obras primas, desce aos primórdios, ascende aos âmagos da mesma cultura cuiabana. Senti o gosto dos verdes anos, tornei a lembrar-me da roça, dos campos, e sem precisar ir até lá, o cheiro da poeira de Cuiabá quando tinha meus quinze anos. Quem produz essas coisas é somente o

criador legítimo. Recordo-me do barro, dos rios, do mato, dos homens da nossa terra, como os lembro, apesar de meio apagado pela recordação. (DICKE, apud FREIRE, 1986, p. 70)

Verificamos que Silva Freire é esse autor que desponta no cenário literário mato-grossense encenando uma identidade regional a este estado e o faz, como veremos, a partir de certos produtos culturais que, por sua vez, estabelecem uma diferenciação com outras culturas. Podemos destacar como produtos culturais a linguagem, os costumes, as tensões, dentre outros elementos. Tomemos como fonte de exemplificação dos produtos culturais na obra *A Japa e outros croni-contos cuiabanos* o texto “Na moldura da lembrança/100 anos de Liceu Cuiabano”.

[...] Casa de Barnabé, outra relíquia cuiabana do melhor enroscado: poeta, cronista, professor, romancista e magistrado, tudo ao mesmo tempo.

Colégio (dos Padres, Salesiano, ou São Gonçalo), santuário e forja na lapidação de gerações, há 75 anos.

[...]

Semana da Pátria: aquele formiguamento, madrugadeiro dentro da gente. Acordar cedo. Banho de poço. Caldo quente de fubá-de-banana-verde-salto-velhaco, com leite de cabra[...] (FREIRE, 2008, p. 42-43)

Neste croni-conto, Freire demonstra um desejo de valorização dos produtos culturais locais, de sua gente e de seus espaços. Os produtos culturais aparecem, em seus croni-contos, como verdadeiros identificadores culturais, gerando marcas que definem certos grupos e os diferenciam. A que se lembrar que os produtos culturais são uma das fontes da construção da identidade, mas não única.

Segundo Leite (2005), o que definiu e define essa literatura mato-grossense como regional é um conjunto emaranhado de autores, obras que

foram, são e serão legitimados pela crítica e pelo público que reconhecem a cultura local criando uma identidade própria a este estado como se fez no nacionalismo literário brasileiro, ancorando-se em elementos da cultura local, mas os transpondo.

Chiapinni (1994), em sua tese acerca do regionalismo, afirma que este tema é e continuará sendo atual no que concerne à literatura no âmbito nacional. Segundo a autora o aspecto regional é um fenômeno que toma conta da escrita literária, revelando traços, costumes e língua própria de um ambiente específico.

Há, no século XX, por parte dos escritores mato-grossenses um forte projeto de consolidação da identidade literária que se apóia em um discurso cuja essência é o regional e seus elementos (Leite, 2005).

A literatura regional em Mato Grosso é entendida a partir do “pertencimento à comunidade por nascimento, pertencimento por vivência ou temática” (LEITE, 2005, p. 221). Neste sentido, são autores da literatura mato-grossense, aqueles que nasceram nessas terras, aqui chegaram e produziram e aqueles cuja temática trata deste homem, o mato-grossense.

Pensar nessas conceituações e caracterizações do que é regional na literatura é:

Pensar a produção artístico-literária de uma região (como de uma região), especificamente, neste caso, de Mato Grosso, é de certo modo se inserir num vasto campo de dificuldades de toda ordem. Em primeiro lugar, a idéia de regionalismo implica necessariamente na criação de um sistema discursivo qualquer de constituição e formatação que, em tese, remete-se diretamente a um outro sistema, ou conjunto de elementos, que estejam intrinsecamente vinculados à ideia de determinada e de determinação de uma região. (LEITE, 2005, p. 221)

Em um primeiro momento, alguns autores de literatura que produziram em Mato Grosso buscaram a afirmação da literatura regional, a partir da valorização da terra e de seus elementos como o fez D. Aquino Correa, José de Mesquita, maneira diversa Lobivar Matos, entre outros.

Dom Aquino foi um dos fundadores do Centro de Letras em Mato Grosso que posteriormente mudou para Academia Mato-Grossense de Letras. Até a década de 40 do século XX as letras em Mato Grosso viviam sob a égide de Dom Aquino, contudo mesmo sobre o reinado aquiniano, surge no final dos anos 30 e 40 grupos de jovens escritores e estudantes preocupados com as mudanças no cenário global, o modernismo, que não se opunham diretamente ao discurso regionalista, mas ao passadismo. Esses grupos foram considerados como os primeiros modernistas em Mato Grosso.

O alavanque para o modernismo em Mato Grosso se deu por meio da Revista Pindorama (1939), que tentou apresentar a mesma carga reivindicativa das revistas Orpheu (Portugal) e a revista Klaxon (São Paulo), vias pelos quais os modernistas publicavam seus textos. Segundo Almeida (2012, p. 35), Pindorama e o “próprio modernismo em Mato Grosso é produzido [...] por um grupo de escritores inconformados com a situação acadêmica que imperava no Estado e que se uniram com o objetivo de propagar o movimento modernista”, acontecido dezessete anos antes em São Paulo.

Temos que considerar, conforme a crítica, que os modernistas estavam preocupados, em Mato Grosso, na divulgação deste movimento e não só, mas também o desejo de retirar este estado da estagnação literária e cultural. Percebemos que todo o manejo dos escritores modernistas apontava para esta ânsia. A revista Pindorama teve um intento de mostrar ao resto do

país que Mato Grosso possuía uma identidade que se configurava, até certa medida sob seus valores locais.

Esta revista pretende tornar conhecidas nossas possibilidades intelectuais lá fora. Revista de moços, ela não só quer congrega todos os jovens mato-grossenses numa cruzada em prol da cultura e da inteligência do Oeste, como também revelar a força e as possibilidades do nosso grande Estado (Pindorama apud ALMEIDA, 2012, p. 36)

É interessante observar que a expressão *revista de moços* já deixa evidente o papel do modernismo neste Estado, bem como a intenção deste novo fazer literário, a novidade e a efervescência da mocidade que tomaria espaço do velho, do passadismo. A força motriz deste intento é a mocidade e juventude. Todas as esperanças foram depositadas no projeto de inovação.

Conforme as afirmações de Almeida (2012), todo o entusiasmo, toda a agonia contra o velho e o passadismo literário atenderam, até certa medida, os ideais dos modernistas de 22 e, como tal, o grupo mato-grossense tentou propiciar a este estado uma nova configuração identitária.

Na visão literária do início do século XX a construção da identidade regional mato-grossense se debruçou sobre o passado, sobre a natureza, retomando os princípios da identidade nacional do século XIX, como bem nos mostra o poema “Cuiabá”, publicado na obra *Terra Natal*, de Dom Aquino Correa.

Cuiabá

Lá no meio da selva verdejante  
Num pedaço de terra solitária,  
Ranhada pelo sol fulvo e cantante,  
Existe uma cidade legendária...

É a bela Cuiabá, bicentenária  
Que tem o pedestal de ouro ofuscante,  
Onde chegou o bravo bandeirante  
Em busca da riqueza extraordinária.



Oh! Cuiabá, das lendas brasileiras  
Foste o sonho de glórias das bandeiras  
Eldorado de luz e de bonança.

O teu futuro está profetizado:  
Foste a cidade de ouro no passado.  
És a cidade Verde na esperança  
(Correa, 1985, p. 51)

Neste poema, cujo tema é justamente Cuiabá, Dom Aquino Correa exalta esta cidade, destacando que em meio às terras solitárias de Mato Grosso e de todo Centro Oeste ergue-se uma cidade. Dom Aquino Correa adjectiva a cidade de Cuiabá de forma extremada: *a bela Cuiabá[...]/que tem o pedestal de ouro ofuscante[...]/Oh! Cuiabá, das lendas brasileiras.*

Percebemos, no poema, que a preocupação de nosso ilustre literato era exaltar e proclamar a terra, criando e projetando sobre esta um passado grandioso, fixando-se na natureza e nos elementos locais.

O que fez José de Alencar nos meados do século XIX, Dom Aquino faz em Mato Grosso voltando-se para um passado grandioso, a fim de conferir uma identidade a este estado. Há de certa forma um paralelo entre a construção nacional e regional.

Galvão (2000, p. 44-45) aponta que o regionalismo na literatura, ainda pautado no localismo/bairrismo, mesmo que rudimentar nasce como protesto à letras Luso-Brasileiras, atendendo a um projeto de valorização da cultura específica do Brasil. Em Mato Grosso nasceu com dois objetivos que se entrelaçavam: a consolidação de um sistema literário e a valorização dos aspectos regionais e culturais.

O movimento modernista em Mato Grosso associava a vertente inovadora e de renovação de nossas letras com o ideal regionalista. As ideias de regionalismo e região transformaram-se em molas propulsoras de um

sistema literário em Mato Grosso. É evidente que o discurso regionalista que sustenta o sistema literário é duplo na medida em que é entrelaçado por forças opositoras de inserção na cultura e ruptura com o exotismo.

Como é possível perceber, em Mato Grosso um dos elementos que constituem a identidade é o regionalismo com os elementos culturais próprios deste Estado. Silva Freire não deve ser pensado enquanto autor que trata do exótico simplesmente ou adere apenas ao espaço geográfico buscando descrever o meio em que suas personagens encontram inseridas, mas nas obras de Freire, em especial de *A Japa* é perceptível uma defesa da cultura deste estado.

O regionalismo em Mato Grosso se constrói através da imagem de sua região, como o Brasil construiu a identidade nacional através de suas regiões. Sena (2003) revela que as imagens das regiões brasileiras se dividem em dois grupos: arcaico e moderno. O arcaico relaciona-se diretamente ao apego as tradições, as estruturas simples e locais, o segundo está intimamente ligado ao progresso e ao caráter industrial, é neste que se localizam as instituições políticas e culturais.

Nas últimas décadas do século XX, as periferias e, neste caso, Mato Grosso, tentam se impor enquanto unidades com cultura própria, apresentam uma resistência e uma busca de afirmação de identidade rumo à universalização.

Vicentini (1997), em seu estudo acerca da obra de Hugo de Carvalho, defende que

O regionalismo é uma espécie de luta da periferia contra a hegemonia do centro, ou uma espécie de afirmação do escritor da província perante o escritor da capital, contestando a hierarquia hegemônica estabelecida, tanto no sentido econômico, quanto no histórico e no literário. (VICENTINI, 1997, p. 53)

Vicentini (1997) complementa abordando que se constrói a imagem de que, no centro, as manifestações artísticas são intensas, enquanto na periferia há um atraso artístico. Portanto, o que encontramos em Mato Grosso, através de novos autores, principalmente os do final do século XX, é um projeto de valorização artística desta região no intuito de demonstrar que o estado já não mais se encontra no atraso cultural ou artístico como os centros tendem a encarar.

Leite (2006) esclarece que entre Silva Freire e Wladimir Dias Pino houve um “pacto” firmado no intento de afirmar uma identidade cuiabana. Assim, revela Leite (2006)

[...] fica bastante claro que Silva Freire e Wladimir Dias Pino, empenharam-se num sério projeto de construção de uma nova identidade cuiabana ou mato-grossense. Assim como Dom Aquino e seu grupo fundaram uma noção de literatura e cultura regional, também esses dois vanguardistas projetaram uma literatura, uma cultura, uma poética regional. (LEITE, 2006, p. 109)

Nesta tentativa de afirmação de uma identidade regional, há um apego às tradições locais, sem deixar de pensar que, com as novas políticas migratórias, Mato Grosso recebe novos povos, e, ao fazer isso não exclui essas culturas, mas as incorporam sem perder suas raízes.

Nas prosas de Silva Freire, o discurso regionalista não se fragiliza, visto que o autor não se ancora apenas no local, mas há em seus textos um regionalismo que vai ao encontro de um sentido social que valoriza o homem em vez de trazê-lo como mero ornamento do meio, aponta para um homem que se constitui com este meio. Em seus crôni-contos, Freire supera a simples descrição do meio, revelando não mais a cor local, mas o homem, sua vida e

as contradições destas ligadas a uma cultura que se constitui com este homem.

## 1- Características dos Contos Regionalistas de Freire

### 1.1- A temática e a linguagem

A obra *A Japa e outros croni-contos cuiabanos* possui uma temática heterogênea, retratando desde a vida do homem interiorano até o homem que habita a capital mato-grossense. Revela, em seus textos, hábitos deste homem frente ao progresso e à modernização que chegavam a este estado. Sua obra é um estudo da cultura mato-grossense com valor histórico-social e folclórico justamente por revelar a situação do homem mato-grossense em diversos momentos da ocupação de Mato Grosso, desde os pequenos comércios e a vida rural, retratados no conto “A Japa”; a vida na metrópole cuiabana, como em “Rodoviária: poemas das formas expostas”.

Freire, em sua obra *A Japa e outros croni-contos cuiabanos*, opta por textos curtos que não deixam de apresentar grande densidade. A linguagem de seus contos traz, na malha literária, aspectos da oralidade do homem mato-grossense, dos habitantes do Brasil rural, contudo sem caricaturá-los extremando a linguagem desta gente ou ridicularizando-a.

Ainda em relação à linguagem freireana, é interessante destacarmos que este autor transgrediu em suas produções a ordem sintática, morfológica e ortográfica das palavras e das frases, lançando mão de neologismo, características essas que são apropriadas da técnica concretista da qual o autor fazia parte, conforme apontamos anteriormente. Tal questão é perceptível no croni-conto *Chico Chocha Coxa, o sineiro*.

Do **boné-de-aba-encardida-de-pegação**, pingos de suor vinham empelotar na cara de barba grenha de Chico Chocha. No mais

abaixo, por dentro ainda, sub-marininhos salgados escorriam nas cambaias, fazendo Lana na botina foló (FREIRE, 2008, p. 95 – grifo nosso)

No termo **boné-de-aba-encardida-de-pegção** vemos que Freire abusa do uso do hífen entre as palavras, situação que cria uma única palavra, como se tudo pertencesse ao boné. Assim sendo, o encardido pertence ao boné, mas pertence porque faz parte da vida de luta e de trabalho deste homem, corroborado no “suor vinham empelotar na cara de barba”. Vemos, nesse ponto que, apesar do conto tratar de um homem que habita os rincões mato-grossenses, o suor é representativo de toda uma luta diária e de trabalho de qualquer homem em qualquer parte do planeta. Portanto, a linguagem e os recursos lingüísticos utilizados por Freire vão ao encontro das possibilidades de representar, na figura do homem mato-grossense, o homem em toda dimensão humana. A cada nova sintaxe produzida, novos efeitos semânticos são inventados.

A obra *A Japa e outros croni-contos cuiabanos* é constituída, portanto, de narrativas heterogêneas, pois apresentam um discurso regionalista que se cruza com inovações estéticas ao criar/hibridar os gêneros fundindo crônica e conto, por isso a designação de croni-conto pela organizadora da obra.

No geral, a obra apresenta narrador-onisciente, demonstrando com isso a posição de quem observa essas experiências, o que denota que Silva Freire era grande conhecedor da cultural mato-grossense.

Em Freire, encontram-se múltiplos narradores, os que estão no centro urbano, vivendo as transformações da cidade de Cuiabá e narradores que habitam outros cenários, o rural. Cada um vivendo suas experiências próprias e recontando essas vivências ou as observações que tiveram.

Decorre disso a afirmação de Campos (2008), em relação ao termo prosa, de que os textos de Freire adquirem esse duplo caráter atribuído semanticamente ao termo em questão: texto em prosa (no gênero narrativo) e prosa (na oralidade) no sentido de conversas, diálogos travados entre amigos.

As experiências demonstradas na obra *A Japa e outros croni-contos cuiabanos* sinalizam essa aproximação com a oralidade não apenas pelos registros das falas, mas por apresentarem textos que emanam de histórias contadas e recontadas pela voz do narrador oral. Segundo Benjamin (1984, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contados pelos inúmeros narradores anônimos”.

Tal estratégia de narrativa é visivelmente encenada nos croni-contos “Cadeira de Urubamba” e “Um brinde ao caráter”, em que aparecem dois narradores que recontam, nesta, a história entre o sapo e o escorpião - recolhidos das narrativas orais e do imaginário popular - e, naquela, o diálogo entre dois homens - o do interior e o do centro urbano.

Nestes dois croni-contos, seguindo os elementos que característicos da literatura oral, segundo Benjamin (1984), os narradores iniciam suas narrativas através de um pequeno contexto explicando o que os levou a recontar tal experiência. “Os narradores gostam de começar a sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir [...]” (BENJAMIN, 1984, p. 205). Assim lemos em “Um brinde ao caráter”:

— não, meu filho! Isso é outro assunto, aconteceu numa época quando os répteis e os batráquios se entendiam como uns poucos

homens, hoje. A verdade é que se deu, mas nem sei direito de onde surgiu a comparação que vou lhe fazer. (p. 130)

Neste trecho o narrador, antes de adentrar no universo de sua narrativa, expõe ao seu filho os motivos que o levaram a narrar essas experiências.

O regionalismo em Freire apresenta, antes das experiências particulares do homem mato-grossense, as experiências do brasileiro do meio rural deste país, deslocando apenas da visão reduzida do homem mato-grossense. Este homem apresentado em seus croni-contos apresenta angústias, tensões, dores, sofrimentos, alegrias e sensações que compreendem aspectos universais. Essas sensações e experiências universais aparecem na grande maioria dos pequenos contos nessa obra, com exceção daqueles que assumem um caráter mais ensaístico que versam sobre a cidade de Cuiabá e de sua gente. A questão das experiências e sensações universais pode ser demonstrada a partir do croni-conto “Oh- quá... Coração puvô!”.

— ... pos num foi de que Zidora me cortô naquele grito-cozinha, e fico rezingano o de sempre, eu tava linhavano essa narração qu’eu tento desatá pr’ocês, qu’inda é bem moço... Era na curva do Areão, ta ovino! adonde os medos dava as tunda. Foi visto. Sova de cansação, de vara-de-vatapasso. (p.80)

Essa narrativa demonstra, já em seu título, uma questão própria deste estado, a forte influência afro-descendente que reside no falar mato-grossense. Também é notório observar, no trecho citado, que uma tensão se instaura entre o casal Zidora e o narrador, personagem cujo nome não é revelado. Tal tensão não revela uma situação particularizada apenas, mas uma situação universal, tensões e conflitos existentes nos casamentos.

Neste conto, e na fala do narrador “eu tava linhavano essa narração qu’eu tento desatá pr’ocês, qu’inda é bem moço”, fica evidente o exposto por

Benjamin (1984) de que as melhores narrativas são aquelas que apresentam a técnica do reconto, trazendo para o tecido do texto literário os elementos da narrativa oral de um povo e de sua cultura.

O narrador, no conto acima, ainda interpela o leitor a participar da narrativa ouvindo os fatos narrados: “Era na curva do Areão, ta ovino!”, a fim de que o leitor fique atento, preste atenção aos fatos que para este são importantes. Podemos assim caracterizar as personagens que habitam o universo freireano: o sujeito que narra ou que vive as histórias narradas são seres universais, apesar da linguagem própria e do ambiente específico.

A linguagem dos croni-contos freireanos traz não só elementos da língua portuguesa, mas expressão de origem africana, indígena como no conto acima citado e também em “Irotatá”, entre outros.

Em alguns casos, a linguagem regionalista de Freire é tão bem tecida que não conseguimos desenhar a paisagem/cenário narrada, a qual se torna quase intraduzível, e a partir da qual podemos apenas levantar algumas hipóteses de descrição, como em “Sambiquira espora, pio-pió!”

Por trás dos rego-do-mato-sujo, mais falado como Pedra Branca, Sambiquira Espora costumava ficar no metro-e-meio de seu carpido, escarrapachado de fazer ninho. A sambiquira virando espora. Ninhando o tempo ninhava o zunzunar de pais-de-mel, os zic-zic dum gafanhoto se fartando na brotação da lixeira em frente [...]. (FREIRE, 2008, p. 121)

Os cenários/espacos ganham contornos indefiníveis, dissonantes. A dissonância e a característica de estranhamento que sua linguagem aponta levam o leitor a entrar, juntamente com as personagens, em uma rede de enigmas e mistérios.

Em todos os seus croni-contos, exatamente os 27 compilados na obra *A Japa e outros croni-contos cuiabanos*, pode ser vista a nuance da

linguagem lírica, ou melhor, a poeticidade na linguagem. Sua ficção é cruzada por um lirismo, tornando-a rica e bela.

Freire não se afasta de suas origens em seus textos, inventa e inova. Sem deixar de demonstrar os hábitos e costumes de sua gente, vai além do simples descritivismo, já que o homem desenhado e representado por Freire extrapola as fronteiras regionais.

### **Os espaços dentro da *Japa e outros croni-contos*.**

A noção de espaço na narrativa em sua grande maioria fica restrita a descrição, ao registro do ambiente em que as personagens encontram-se ou estarão inseridas. Em alguns casos se ao elemento espaço um trato irrelevante. Irrelevância que não se realiza em Freire. O espaço é muito mais que a descrição de um cenário e ambiente e vai muito além da codificação de um local simplesmente.

Segundo Reis e Lopes (1988)

O espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam. Entendido como o domínio específico da história (v.), o espaço integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação (v.) e à movimentação das personagens(v.): cenários geográficos, interiores, decorações, objetos etc; em segunda instância o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translativo, abarcando então tanto as atmosferas sociais (espaço social) como até as psicológicas (espaço psicológico) (REIS E LOPES, 1988, p. 204).

Assim, entende-se por espaço na/da ficção o local onde se constitui o cenário da obra, onde as personagens agem, onde há a movimentação das mesmas. É necessário, aqui, fazermos uma distinção entre os espaços romanescos: cenário, lugar e ambiente, partindo das considerações de Osman

Lins (1976), dado que como afirma este autor, estes termos possuem significações distintas.

O cenário é caracterizado como algo que está além das personagens, não devendo ser confundido com elas. Já o espaço constitui-se de um local onde ocorrem as materializações das ações humanas, ou seja, onde as tensões, angústias e sofrimentos se materializam. Assim, o espaço é o meio e a condição das ações humanas. O lugar pode ser descrito como singularização do meio, representa a descrição singular de um lugar específico.

É raro nas narrativas de Freire não encontrarmos os espaços definindo as ações das personagens- o estar no mundo. Tudo é ambientado e contextualizado. A esse espaço são interpostas as alegrias, tristezas, conquistas e problemáticas humanas, pois como afirma Lins os espaços são “tudo aquilo que, intencionalmente disposto, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem” (1976, p. 72). Neste sentido, em nas narrativas aqui lidas percebemos uma interação entre os espaços e as personagens.

A enchente foi vindo, bochechuda, empapando susto, de noite; havia romance no oco dos ranchos de ribanceira. Amor de aloito, muito naturalmente, se embolando nas redes, enredando o sexo.

O rio está subindo, tomando água que é um can-can! Chuva na cabeceira, lá nas bandas de Nobres..., e o Cuiabá vem vindo, passando e ficando no assopro, assoprando os batentes de cerninho, lixados de pés descalços, limbados de canoas embicadas\_ pla plac pla. (FREIRE, 2008, p. 142)

No trecho acima, percebemos o nível de poeticidade que habita o espaço, “a enchente foi vindo, bochechuda empapando susto”. A natureza é personificada e o espaço ganha vida. A geografia e o espaço não são

definidos dentro de seus limites conceituais, tudo é inventado e recriado. Neste sentido, “geografia que não se limita a elementos físicos e paisagísticos, [...] mas geografia que identifica raiz, profissão, classe social, ideologia, vinculação e identidade, enfim”. (HOHFFELDT, 1978, p. 15)

Neste caso, o rio incita o amor e deste espaço dá a conhecer a classe social dos envolvidos, os ribeirinhos. Tal hipótese pode ser visivelmente corroborada pelo trecho “se embolando nas redes”. É sabido que os ribeirinhos dormem em redes e vivem uma vida sem muito apego a bens materiais. Percebemos, por outro lado, possível aproximação entre o aumento das águas e do desejo dos ribeirinhos, como se gente e rio tomassem uma única forma de desejo crescente.

A natureza em Freire não é apenas um cenário, mas o espaço em que os enfrentamentos e as lutas vão se desenrolar, contudo, em alguns momentos é como se homem/natureza sofressem uma simbiose e passassem a um único ser. A natureza pulsa na vida do homem, como o homem necessita dela para sobreviver.

### **E o mato-grossense no cruzar das personagens freireanas?**

Frente às diversas situações que habitam o universo mato-grossense e que projeta um universo maior - o Brasil - as personagens freireanas exercem papel definidor e principal que, a cada narrativa, vão ganhando contornos distintos. Em seus crôni-contos regionalistas é possível perceber um esfacelamento na apresentação da vida deste homem, descrito num caleidoscópio, formando um quebra cabeça com rostos e nomes diferentes. A cada texto em *A Japa* vai tomando forma o amálgama de que é formado o brasileiro que habita os rincões mato-grossenses.

Os croni-contos que compõem a obra não possuem uma sequência linear de histórias e conteúdos que formam um todo orgânico, mas em cada um deles aparecem homens diversos que vão configurando uma identidade: a do brasileiro rural. Essa falta de linearidade está atrelada à forma como surgiu o livro: compilação de textos esparsos, cuja criação ocorreu em diferentes momentos e foram publicados em jornais e revistas mato-grossenses, conforme informamos em momentos iniciais desta produção.

As personagens freireanas são nutridas de um estrato não tipificado. As apreensões destas revelam o que existe de mais humano no homem, seus medos, vergonhas, desejos, amores, incertezas, tristezas. O homem rural apresentado em Freire não é o homem tipificado como ignorante, possui educação, sabe se portar e possui conhecimentos que são repassados aos demais.

Em “Cadeira de Urubamba” encontramos esse entre lugar funcionando. A narrativa apresenta dois compadres conversando e nesta conversa surge a história entre o homem simples e o professor, o que retorna à técnica do reconto. O homem rural/simples no conto se apresenta como um ignorante aos olhos do homem culto da cidade, o professor. Contudo, no final da narrativa, o homem simples não se mostra como ignorante, mas como um homem astuto e inteligente que sabe viver diante desse mundo.

— Óia, Nhô Zico, se é história de consolo, tá me interessano, pra levatá meu derrubamento, como não!

— Taí, Nhô Gonça, nem é historinha não, é testemunho de tempo atrás, quando morreu de afogo o professô Lindaurio, aquele de sabença que envergonhava os pessoá da vila, e ficô afogado no canal do rio, tá lembrado?

— Só de notícia antiga.

— Pois tudo o que ainda conta por aí foi que o professô, visitano o povoado, enveredô com Ambrósio, de canoa, lá pras banda do sítio de Anastácio. Na viagem, conversano, contano coisa e loisa, ele ia perguntano:

— Ambrósio, ocê sabe lê?

— Nhor não.

— Pois ocê perdeu um pedaço enorme da vida.

— Nhor sim.

— Mas você é casado, não é?

— Nhor não.

— Taí..., tá perdendo outro pedaço da vida.

— Nhor sim.

— Ocê tem filho com mãe vadia, Ambrósio? Tem?

— Nhor não.

— Mais um pedaço de vida ocê tá perdendo, amigo!

— Nhor sim.

— Pois nisso de perguntá e de perdê mais um e mais otro pedaço de vida, Nhô Gonça!, a canoa entrô num rebojo de dá medo, e o pobre do Ambrósio, distraído como ele só, e de vergonha das grande, de só sabê dizê “nhor não” e “nhor sim”, no susto, e do susto pranchou da canoa, antes do embarco gerar. Com o balanço brusco do empurrão, coitado! o professô foi de roupa e tudo naquele cinturão de cobra, qu’eu tava namoradero dele, envernizado de beleza, por demais até! E daí foi que o Ambrósio se deu do aperto do desespero do professô. Então gritô duro pr’ele, enquanto ia braçano pra se livrá do fervedoro d’água ruim:

— Fessô, ó Fessô, o sinhô num sabe nadá?

Esbraçano o assustamento, sem compasso nem direção, segundo conta, o professô arrespondeu, já de boca recebendo água:

— É a única coisa que não aprendi na vida, Ambrósio, me acude!

— Pois então o sinhô vai perdê a vida inteira, qu'eu vô é sarvar a minha vida e procurá os pedaço que o sinhô tirô de mim!

O narrador-personagem assume a função de testemunha e reconta ao seu cumpadre o que ficou sabendo: “testemunho de tempo atrás, quando morreu de afogo o professô Lindaurio, aquele de sabença que envergonhava os pessoá da vila, e ficô afogado no canal do rio, tá lembrado?”. Neste pequeno trecho também evidenciamos as relações entre o eu e o outro. O professor, neste sentido, assume a função do outro, um outro inteligente de *sabença*, como afirma o narrador personagem. E poderia haver, também, a tipificação do homem rural, se a narrativa não galgasse um rumo diferente.

Aos poucos, evidenciamos no croni-conto o entre lugar deste mato-grossense, representativo do brasileiro. O interiorano que astuto, esperto e inteligente usa da astúcia e experiência para sobreviver às intempéries que circundam seu universo.

Em cada texto da obra *A Japa e outros croni-contos* é possível notar a presença da crônica tendo em vista as questões e situações apresentadas que demonstram as experiências do narrador que, a cada observação aprende algo novo. As personagens freireanas não são dotadas de uma força sobrenatural, mas são pessoas comuns e simples que sofrem os estremecimentos da vida diária.

### Referências

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. (Série Universidade: Crítica Literária, 15).

ALMEIDA, Marinei. **Revistas e Jornais: Um Estudo do Modernismo em Mato Grosso**. Cuiabá/Unemat/Fapemat: Carlini & Caniato Editorial, 2012.



BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Lebovs. In. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

CAMPOS, Cristina. Silva Freire pro(e)ador. IN. FREIRE, Silva. **A Japa e outros croni-contos cuiabanos**. Cuiabá: Carliani e Carniato, 2008

\_\_\_\_\_. **A valorização da cultura cuiabana na prosa de Silva Freire**. XI Congresso Internacional ABRALIC. Disponível em [www.abralic.org.br/cong2008/.../pdf/019/MARIA\\_CAMPOS.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/.../pdf/019/MARIA_CAMPOS.pdf). Acessado em 10/12/2014

CARVALHO, Carlos Gomes de. **A poesia em Mato Grosso**. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.

\_\_\_\_\_. Uma escritura telúrica. IN: FREIRE, Silva. **Barroco Branco**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso- ED. Amazônica, 1989.v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. **Panorama da Literatura e da Cultura em Mato Grosso**. Cuiabá: Verde Pantanal, 2004.

CUNHA, Célio da. Denúncia e esperança na poesia freireana(Prefácio). IN. Freire, Silva. **Águas de Visitação**. 4 ed. Cuiabá: Leila Barros da Silva Freire, 2002.

\_\_\_\_\_. Denúncia e esperança na poesia freireana(Posfácio). IN. Freire, Silva. **Águas de Visitação**. 1 ed. Cuiabá: UFMT, 1979.

DICKE, Ricardo Guilherme. Uma nova estrela. In: Freire, Silva. **Silva Freire: Social, criativo e didático**. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1986.

FREIRE, Silva. **Águas de Visitação**. Cuiabá: Adufmat, 1999

- \_\_\_\_\_. **Trilogia Cuiabana**. Cuiabá: Editora UFMT, 1991, V. 1
- \_\_\_\_\_. **Trilogia Cuiabana**. Cuiabá: Editora UFMT, 1991, V. 2
- \_\_\_\_\_. **Barroco Branco**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso-Ed.Amazônica, 1989
- \_\_\_\_\_. **Freire: catálogo de exposição**. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1986.
- \_\_\_\_\_. **A Japa e outros croni-contos cuiabanos**. Cuiabá: Carliani e Carniato, 2008.
- HOHLFELDT, Antonio. **Travessia da Dor**. Correio do povo, Porto Alegre, 16 de dez.1978. Caderno de Sábado, p. 15. <http://WWW.celpcyro.org.br/escritoresgauchos.htm>. Acesso em 30 de novembro de 2011.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Regionalismo e Modernismo**. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaio, 32).
- LEITE, Mário Cezar Silva (Org.). **Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Nas brenhas do regionalismo em Mato Grosso: literatura, vanguardas e identidade**. Relatório (Relatório de Pós- Doutorado), Universidade de São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Literatura, vanguardas e regionalismos: poéticas em trânsitos e fronteiras**. XI Congresso Internacional ABRALIC. Disponível em [www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/.../MARIO\\_LEITE.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/.../MARIO_LEITE.pdf). Acessado em 12/12/09.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso: século XX**. Cuiabá: UNICEN, 2001. (Coleção Tibanaré)
- VICENTINI, Albertina. **O Regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos**. Goiânia: Editora da UFG, 1997. (Coleção Quíron).